

13 AGO 1992

ESTADO DE SÃO PAULO

Joelmir Beting

"O fracasso é a oportunidade de começar tudo de novo — intelligentemente."

Henry Ford (1863-1947), empresário americano.

Olavo Gomes

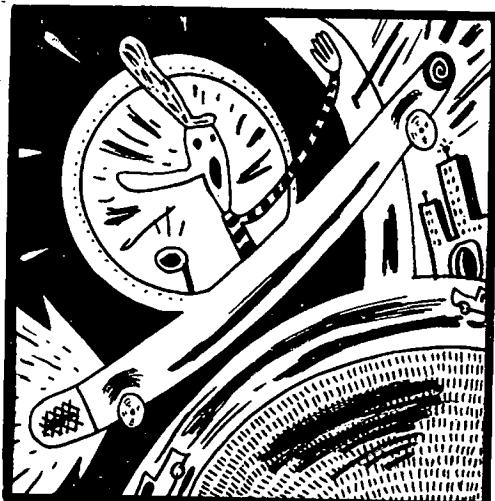


O desvio é político

Ensaio de economia comparada, produzido por técnicos do FMI, estabelece clara distinção entre os programas de estabilização desencadeados no Brasil, no México, na Argentina e no Chile. Em linhas gerais, os quatro programas acionam inibidores fiscais e corretivos monetários. Uma terapia clássica, de inclinação gradualista, necessariamente recessiva ou purgativa. Os resultados, entretanto, não são os mesmos. O programa deu certo no Chile, funciona no México, ainda vacila na Argentina e gira em falso no Brasil.

□□□ Descartadas as diferenças sociais, políticas e culturais de cada país, a discrepância dos resultados tem explicação nos prazos de maturação dos programas e nos próprios ingredientes laterais de cada um deles. México e Chile estão no quarto ou quinto ano de ajuste contínuo. Reformas estruturais exigem pelo menos mil dias para um take-off adequado. No caso mexicano, com inflação de 0,6% em julho (ou de 7,1% nos últimos 12 meses), o ajuste monetarista serviu-se de uma bengala preciosa: o pacto social, com força de contrato ou de lei. E mais: com maioria irremovível no Congresso, há meio século, o governo dá-se ao luxo de tomar medidas impopulares em regime de autêntico decreto-lei.

□□□ Na Argentina, com o Plano Cavallo largando quase na mesma data do Plano Marcilio, o curso de apenas 15 meses ainda não permite a colheita dos frutos de importantes mudanças estruturais. Mas há uma ressalva, grifada pelo próprio FMI: a adoção do padrão-dólar é um experimento único, sem si-



milar, ao largo da ortodoxia monetarista. Ou como prefere Simonsen: é um recurso ultra-ortodoxo, que lembra a rigidez monetária do antigo padrão-ouro.

□□□ O caso do Brasil dispensa apresentação. Mas folga saber que os técnicos do FMI começam, finalmente, a amarrar algumas pontas soltas. Eles admitem, por exemplo, que a cultura da indexação, já com 27 anos de gloriosa carreira, faz da correção monetária um moto-contínuo de realimentação inflacionária. E reconhecem que o choque moral do caso PC interrompeu, desde maio, a reversão das expectativas pessimistas, que são necessariamente estagflacionistas. A falha não é do programa econômico. É do vexame político.